

A QUESTÃO DA ALTERIDADE NO AMBIENTE DIGITAL A PARTIR DO PENSAMENTO DE LÉVINAS

Louis Marie Ndomo Edoa¹

Dr. Carlos Eduardo Souza Aguiar (orientador)²

RESUMO: Comunicar é um ato inerente a todos os seres vivos independentemente do ambiente. Nesta investigação, pretendemos realizar um encontro entre a Ética da Alteridade e a Comunicação no Ambiente Digital mediada pela técnica e mostrar que ao contrário do que se pensou durante muito tempo, é possível a realização da alteridade nos meios digitais de comunicação. Pois o conceito de alteridade, tal como o definiu Lévinas, não é apenas mais uma categoria filosófica dentre outras, mas é uma perspectiva que aponta o sentido do humano que se abre a partir do “Visage” do outro. Privilegiamos a pesquisa bibliográfica-documental para levantamento de referencial teórico sobre o tema. Tencionamos realizar uma pesquisa de campo empírica para aplicar os resultados deste estudo e proceder a sua averiguação prática.

Palavras-chave: Lévinas. Alteridade. Comunicação. Ambiente Digital. Visage.

RÉSUMÉ:

Communiquer est un acte inhérent à tous les êtres vivants, quel que soit l'environnement. Notre recherche prétend effectuer une rencontre entre l'éthique de l'altérité et la communication dans le milieu numérique médié par la technique et montrer que, contrairement à ce qui se pensait depuis des années, il est possible d'atteindre l'altérité dans les réseaux sociaux. Car le concept d'altérité, tel que défini par Lévinas, n'est pas simplement une catégorie philosophique parmi d'autres, mais une perspective qui souligne le sens de l'humain qui s'ouvre à partir du "Visage" de l'autre. Nous privilégions la recherche documentaire bibliographique pour obtenir une référence théorique du sujet. Nous avons l'intention de mener une recherche empirique sur le terrain pour appliquer les résultats de cette étude et vérifier ses résultats dans la pratique.

Mots-clés: Lévinas. Altérité. Communication. Milieu Digital. Visage

¹ Aluno de graduação em Jornalismo na Faculdade Paulus de Comunicação (FAPCOM). Graduado em Filosofia e em Teologia.

² Doutor em Sociologia pela *Université Sorbonne Paris Cité*, mestre em Ciências da Comunicação pela USP, especialista em Ciências da Religião pela PUC-SP e graduado em Filosofia pela FFLCH-USP e em Comunicação Social, com habilitação em Relações Públicas, pela ECA-USP. Docente da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, onde coordena o grupo de estudos “Filosofia da tecnologia, ambiente e sociedade”.

Introdução

Comunicar consiste em transmitir uma informação de um emissor para um receptor que a decodifica. Neste processo, tanto o emissor quanto o receptor são elementos fundamentais para que acontece a comunicação, pois, é um processo que pede a atenção das duas partes para fluir. Porém, no ambiente digital, a comunicação acontece muitas vezes entre um emissor e um receptor desconhecido, distraído ou situado num ambiente que nem sempre ajuda a dar total atenção. O processo comunicativo no ambiente digital é muitas vezes regido pelo interesse que o emissor tem: não se importa com quem receber a mensagem. A comunicação no ambiente digital não considera o outro que está do outro lado como um sujeito mas sim como um objeto a ser explorado: elimina a alteridade.

No pensamento do filósofo Lévinas, a alteridade implica em uma proximidade com o outro que nos faz sair de nós, nos interpela e nos convida a considerá-lo como diferente de nós. Ele não pode ser um meio, mas faz acontecer a comunicação conosco.

Nosso trabalho quer mostrar que a alteridade é uma experiência única e fundamental para a consecução da comunicação no ambiente (digital) onde o outro é desconsiderado, esquecido ou reduzido a um simples código. A alteridade, que nos ajude a considerar o outro como um outro eu e não como objeto, é um paradigma que permite repensar a comunicação como lugar onde ecoa o clamor do outro que solicita algo de nós. Isso dito, a partir da ética da alteridade, há um novo caminho que se abre também para o âmbito da comunicação. Trata-se de um outro contato, em que a representação se dá por meio do universo digital: dos pixels mas, com poderosa capacidade de transpor o outro ser humano para uma proximidade diferenciada sem perder necessariamente com esse "outro" os vínculos afetivos.

O *'visage'* e o olhar do outro, para Lévinas, são fundamentais para falarmos de alteridade. Por isso, buscamos responder a seguinte questão: Quais aproximações com o conceito de alteridade, proposto pelo filósofo, são possíveis de serem estabelecidas no ambiente digital?

Para responder a essa pergunta, pretendemos analisar a atitude que hoje naturalizou-se no meio digital: a ausência da ética ou de uma cultura da totalidade, visto que tais dinâmicas se inserem no processo de comunicação digital, em que a negação da alteridade predomina. Neste sentido, queremos investigar a possibilidade de estabelecer uma ponte entre a percepção da ética enquanto expressão de uma sabedoria e prática de vida e o ambiente digital, lugar onde muito estão se refugiando

No presente ensaio buscaremos entender, num primeiro momento a alteridade como perspectiva do humano. Vamos discorrer sobre o conceito que Lévinas apresenta primordialmente na sua obra mestra: *Totalidade e infinito*. Em seguida, ver como funciona o ambiente digital e como as pessoas presentes neste ambiente se relacionam com as outras que muitas vezes não veem. Por fim, tentaremos organizar a reflexão ao redor de questões presentes no pensamento de Lévinas e que tocam de forma direta a comunicação no ambiente digital, analisando qual relação estabelecemos entre ética e comunicação digital.

Características do Ambiente Digital:

Do latim *ambiens/ambientis* e tendo como sentido envolver algo, o Ambiente é um conjunto de substâncias, circunstâncias ou condições em que existe determinado objeto ou ainda em que ocorre determinada ação. Podemos ainda entendê-lo como conjunto de condições favoráveis para que uma ação seja realizada. Para falar do ambiente digital, precisa reunir dois fatores importantes que são a informação e o relacionamento. Pois, toda ação digital baseia-se sobre esses dois elementos como escreveu Martino Luís Mauro Sá: “*Um dos conceitos principais para compreender as mídias³ digitais é a noção de informação*” (MARTINO. 2003, p.24). Com isso, achamos interessante definir e circunscrever a noção de informação.

³ Ao longo do nosso trabalho, as noções de redes digitais, ambiente digital, rede on-line, redes conectadas, terão o mesmo significado. Não faremos uma distinção entre elas, só no caso onde essa distinção for introduzida e explicitada por nós.

No estudo das mídias, informação, como pensa Martino, é um dado novo presente no sistema e que remete a algo novo em relação a um fato existente. A noção de informação traz inovação, atualidade para o sistema, pode-se também atrelar à palavra informação a noção de mudança, revolução ou originalidade. No ambiente digital, a informação serve justamente para produzir essa originalidade, trazer essa alternância e conectar os diferentes elementos participantes do sistema. Nessa ótica, não tem elemento mais importante que outro, mas sim, existe colaboração, compartilhamento de informação para promover a revolução. A informação, no ambiente digital precisa circular de um elemento para o outro, fazendo assim que cada participante do sistema seja significativo, considerável e imprescindível. Essa percepção leva a verificar e entender como funciona o ambiente digital.

Como Funciona o Ambiente digital?

Todo ambiente digital e toda comunicação nesse meio se constitui em dois elementos fundamentais: a informação e o relacionamento. Todo funcionamento no meio digital depende então de como esses dois conceitos vão se entrelaçar. Pode ser difícil identificar qual tipo de conteúdo está sendo produzido pois, tudo depende do objetivo e esse último muda a cada momento, dificultando ainda mais essa tarefa que depende da informação publicada. Por isso, é importante conhecer e identificar os tipos de informações que circulam no ambiente digital em que estamos ou pretendemos pertencer.

O Ambiente Digital ou Rede Social foi pensada com base nas relações sociais. Assim, ela é formada por um conjunto de nós e conexões tanto no ambiente físico como virtual. No ambiente físico, o trabalho, a família são um dos nós como, o computador, o tablete ou o smartphone no ambiente virtual. É bom lembrar que entre ambientes físico e virtual não tem dúvida enquanto à realidade desses dois meios, pois *“a possibilidade de participar das redes online a partir de dispositivos portáteis, como celulares e tablets, de alguma maneira permite a transposição contínua das barreiras entre ‘mundo físico’ e mundo online’, em um grau de complementaridade entre as interações nas redes sociais digitais e àquelas desenvolvidas offline”* (MARTINO. 2003, p.58). Em outras palavras,

não há oposição entre esses dois ambientes, mas complementaridade pois, o ambiente virtual não deixa de ser real tanto quanto o ambiente físico. Ainda, podemos ter transposição das relações construídas num no outro. Ainda que, quem faz parte do ambiente digital, são pessoas humanas do ambiente físico e, *“como o mundo real é levado para as redes sociais digitais, as discussões online têm o potencial de gerar atitudes e ações no mundo físico”* (MARTINO. 2003, p.58). Mas, é bom lembrar que, segundo Santaella e Lemos (2010), as modalidades de comunicação, introduzidas e desenvolvidas pelas redes digitais, enriquecem ao mesmo tempo que enfraquecem as relações humanas.

Diferentemente das relações sociais físicas, as relações sociais online, ou melhor as redes ou ambientes digitais, são caracterizadas por relações de equilíbrios sem burocracia. Cada elemento que compõe uma rede possui os mesmos direitos. Martino vai explicar esse fato dizendo que as *“redes são definidas por seu caráter horizontal, desprovido de uma hierarquia rígida[...]. Em geral, são formados a partir de interesses, temas e valores compartilhados, mas sem a força das instituições e com uma dinâmica de interação específica”* (MARTINO. 2003, p.55).

Aquilo que caracteriza as relações no ambiente digital é a flexibilidade que não é inconstância, vulnerabilidade, voluptuosidade, mas capacidade de adaptação e integração de novas realidades. Aliás, como para uma pessoa, ser flexível é fator básico para o crescimento interior, podemos dizer que para o ambiente digital ou uma rede digital, ser flexível é fundamental para o crescimento e a sua expansão.

Por ser flexível, o ambiente digital também tende a se alterar constantemente, buscando assim a evoluir e se adaptar com facilidade. Identificamos aqui outro princípio desse ambiente que é a sua dinamicidade de movimento e mudança. Isso porque, no ambiente digital, a rigidez, inflexibilidade e imposição constante de regras, limitam as relações e impedem a busca por outros caminhos, por outros participantes, acreditando que aquele escolhido é o único certo. No ambiente social físico, o excesso de rigidez, geralmente, faz com que criemos um padrão mental de comportamento, podendo provocar um sentimento de autopunição que só traz sofrimento, aos outros e a si próprio.

Podemos encontrar pessoas rígidas em todos os lugares, mas se observarmos mais atentamente, podemos encontrar muitas vezes essa rigidez dentro de nós mesmos. Transpondo essa rigidez no ambiente digital, fechamos e limitamos a estrutura do ambiente não permitindo a sua expansão. Entendemos então que o ambiente digital não permite rigidez, mas que se mantenha a constância e organização.

Entendido quais são os elementos fundamentais de uma rede social digital, sua estrutura e a qualidade das relações entre seus diversos participantes, podemos definir o ambiente digital seguindo Martino que pensa que: as *“redes sociais podem então ser entendidas como um tipo de relação entre seres humanos pautada pela flexibilidade de sua estrutura e pela dinâmica entre seus participantes”* (MARTINO. 2003, p.55). Isso conduz a deduzir que uma das principais características do ambiente digital é seu caráter relacional⁴ (MARTINO. 2003, 57), mas para estabelecer essa relação a técnica se faz necessária. Pois, não se trata só da relação existente entre dois participantes de um ambiente, mas também por qual meio eles se relacionam e qual é a consequência disso nos outros participantes, ambientes e relações.

Surge aqui o problema que foi levantado por Sherry Turkle quando fala da Teoria da Solidão Conectada. Segundo Turkle, interpretado por Martino, buscamos os meios digitais porque *“as tecnologias conseguem suprir algumas de nossas maiores vulnerabilidades e ajuda a lidar com os medos contemporâneos - o medo da solidão, mas também o medo de criar vínculos muito próximos com outras pessoas”* (MARTINO. 2003, p.123). Mas, continuando a interpretação do pensamento, ele coloca que *“ao mesmo tempo em que [as tecnologias] suprem necessidades de comunicação e convivência, ao mesmo tempo se tornam o caminho para outras formas de vida social - uma solidão coletiva mesmo para quem está, [...]‘sempre ligado’. Always on.”* (MARTINO. 2003, p.126). Isso quer dizer que as tecnologias criam uma falsa ilusão na vida daqueles que as usam para estar no ambiente digital e criar novas relações. Pois, para Turkle,

⁴ Entendemos aqui por caráter relacional, a capacidade de colocar em relação dois indivíduos, elemento que faz existir uma rede e determina sua especificidade. É rede pelo fato de aproximar, criar relações entre os seus diversos participantes sem por tanto excluir um ou outro.

para estar conectado necessita “Estar Sozinho”, ou seja, a tecnologia afasta e isola. Em exemplo citado por ela, é difícil estabelecer uma linha de contato entre “pessoal” e “público”. Mas não partilhamos desse pensamento pois a técnica é muito mais que um instrumento, ela tem uma essência própria que conhecida permita entender melhor a técnica. Dito isso, seria bom responder a pergunta de saber qual é a essência da técnica?

Spadaro Antonio, no seu livro Ciberteologia: pensar o Cristianismo nos tempos da rede e, falando da espiritualidade da tecnologia, afirma que: *“a tecnologia não é somente, como pensam os mais céticos, uma forma de viver a ilusão do domínio sobre as forças da natureza em vista de uma vida feliz”* (SPADARO. 2012, p.25). Aqui o autor quer advertir sobre a tentativa ou perigo de usar a técnica como um meio para alcançar certa finalidade e completa: *“a tecnologia é, pois, a força de organização da matéria por um projeto humano consciente. Nesse sentido a técnica é ambígua porque [...] influi no modo de entender o mundo e não só de vivê-lo”* (SPADARO. 2012, p.26). Isso se deve ao fato que *“técnica não é igual à essência da técnica”* (HEIDEGGER. 2006, p.11). A técnica de maneira simples e primeira é a atividade do homem enquanto a essência da técnica, que não é igual à técnica. A intenção de Heidegger é de nos auxiliar a entender com o que estamos lidando na era que podemos chamar de era da técnica tecnolística e os desafios que devemos enfrentar e vencer, se desejamos estabelecer uma nova relação com esse fenômeno devido ao fato que a técnica participa da construção das nossas relações no ambiente digital. Nisso a tecnologia pode ser vista como uma forma de revelação da existência, um princípio de construção de relações digitais num mundo que se quer digital, conectado, em rede. Por isso, precisa-se descobrir o principal ponto: o que é que a técnica traz, proporciona para o futuro do ser humano, pensando aqui além da forma ou de instrumento. Para Heidegger, a técnica é um modo de pensar ‘o ser’. Precisamos então rejeitar *“a concepção corrente da técnica de ser ela um meio e uma atividade humana [que] pode se chamar, portanto, a determinação instrumental e antropológica da técnica”* (HEIDEGGER. 2006, p.12) apesar do fato de permanecer correto que a técnica moderna é meio para um fim.

No entanto, para Heidegger, a técnica moderna além de ser estranha à linguagem cotidiana pelo fato que “*a concepção instrumental da técnica guia todo esforço para colocar o homem num relacionamento direto com a técnica. Tudo depende de se manipular a técnica, enquanto meio e instrumento, da maneira. Pretende-se, como se costuma dizer, ‘manusear com espírito a técnica’*” (HEIDEGGER. 2006, p.12), ela não pode ser controlada pelo homem. Ainda, a técnica⁵ não deve ser interpretada como algo de perigoso, pois, assim, seria considerada como possuidora de um sentido instrumental e estaria submetida ao nosso comando. A técnica é uma maneira de ser do que de pensar. É então importante que o homem deixa seu lugar de pastor para se colocar ao lado da técnica e sujeito da mesma. Antes de procurar entender como estabelecer relações de alteridades no ambiente digital, com ajuda da tecnologia, faz-se primordial entender o que para Lévinas é ‘Alteridade’.

A Alteridade segundo Lévinas

Filósofo judeu, Emmanuel Lévinas viveu em um século marcado por umas séries de guerras e catástrofes provocadas pelo próprio homem. Tragédias que demonstraram o “*ódio do homem para com o seu semelhante, um desprezo demasiado para com ele e a surdez para com seu queixumes, a todos submete à tentação do nihilismo*” (CHARLIER. 1993, p.9). Seu pensamento, nessa condição de vida, se apresenta como uma consistente possibilidade de resposta, mas também, uma crítica e um tentar propositivo. Para o nosso século, a filosofia de Lévinas é uma resposta que ressoa no contexto deste milênio transcorrido. Podemos dizer que Lévinas nos aponta o caminho que leva à construção e constituição da vida humana como ela deveria ser. Mas qual é esse pensamento?

A sua filosofia aponta para as misérias do nosso século que viveu duas guerras mundiais, que passou pelo totalitarismo, enfrentou o fasci-nazismo, viu seus filhos sendo mortos pelas bombas de Hiroshima e Nagasaki, que testemunhou o extermínio dos

⁵ Ao longo desse trabalho, toda vez que falaremos de técnica, estaremos falando também de tecnologia. Não faremos nenhuma diferença entre os dois conceitos.

Judeus, que tem que aceitar a triste situação de tantos lugares, países e continentes, onde a fome avassala e extermina a dignidade de tantos rostos chamados de terceiro mundo. Lévinas conheceu ainda a ilusão criada por um período de importantes avanços tecnológicos, responsáveis por melhorias nas condições de vida na humanidade e pela criação de inúmeras facilidades para o cotidiano do homem contemporâneo, mas que tirou muitos princípios básicos para a valorização da dignidade humana. Tais atrocidades ofuscam a confiança no modelo de racionalidade construído pelo gênero humano auxiliado pela ciência e tecnologia. Segundo Lévinas, o ser humano foi criado num ambiente do “eu penso”, “eu sou”, “eu vivo”, “eu faço”. Um sistema de autossuficiência em si, onde a *“alteridade e a exterioridade do si é retomada na imanência”* (LÉVINAS. 2002a, p.186) em nome da afirmação do eu. Onde a questão do outro, mesmo que absolutamente não ausente, não foi uma preocupação central no processo civilizatório do Ocidente e se atrelou no mundo como um todo. Com a Modernidade, a preocupação do eu, pelo seu ser, acabou coincidindo com a vontade de poder. E, essa linha de pensamento se atrelou em todas as esferas da vida humana chegando até na comunicação onde tem suas expressões mais fortes nas primeiras teorias da comunicação.

Segundo Lévinas, a alteridade exprime uma sabedoria pertinente para a consecução de uma comunicação ética, onde o sujeito é chamado ao ‘êxodo’: sair de si mesmo para ir ao encontro do outro. Assim, a ética da alteridade se torna caminho e abre estradas para o âmbito da comunicação. O homem, independentemente daquilo que exerce, precisa ser justo: justo com aquilo que faz, justo com o outro e justo consigo mesmo: é o princípio básico de toda ética. Para Lévinas, esse princípio se traduz na seguinte máxima: *“a justiça consiste em reconhecer em outrem o meu mestre”* (LÉVINAS. 1994, p.59). É importante entender que para Lévinas o outro representa a medida da minha justiça pois, *“a voz que vem de uma outra margem ensina a própria transcendência. O ensino significa todo o infinito da exterioridade”* (LÉVINAS. 1994, p.153). Lévinas convida incessantemente a uma abertura do eu para o outro: convida a

redescobrir o ‘visage’ do outro que interpela e chama a ação. Esse ‘visage’ pelo qual passa a verdadeira comunicação.

A linguagem para Lévinas não representa simplesmente um meio de conhecer o outro ou ainda não é só um meio para comunicar ou uma simples experiência: ela é o “Eis-me aqui!”, uma resposta que devemos ao outro que nos convoca pela epifania⁶ de seu ‘visage’. A linguagem traz, segundo Lévinas, a ideia do infinito, faz-me sair do meu mundo, do meu eu, do meu enclausuramento para ir ao encontro do outro que clama a mim por uma resposta. Essa dinâmica é que faz acontecer a comunicação. Falaremos em detalhes na próxima parte.

Na relação ética, como concebida por Lévinas, o outro me chama a responder. Por isso, reconhecer o outro como meu mestre, através da linguagem, é fazer-lhe justiça. Ainda, é preciso ir ao encontro desse outro sem usar armas, máscara, mas sim se desvelando, permitindo que ele me conheça: precisa se apresentar ao outro. O caminho que Lévinas propõe é o itinerário feito por Abraão: é responder a um chamado e decidir partir sem saber se terá possibilidade de um retorno: é um ‘partir’ sem retorno. O ser humano, como pensado por Lévinas a partir da ideia de ‘visage’ e justiça, *“exige que o ‘eu’ abandone o seu lugar privilegiado e se torne responsável, servidor, incapaz de matar ou de reduzir o outro em um conceito”* (MELO, Nélcio Vieira de. 2003, p.119). Vale ressaltar que, para Lévinas, *“o rosto se apresenta e reclama justiça”* (LÉVINAS. 1994, p.274).

O relacionamento com o outro não pode ser baseado no plano da reciprocidade, pois o outro é ao mesmo tempo diferente de mim e mais desprovido que eu. Diante do ‘visage’, Lévinas convida a nossa responsabilidade pois, como pensava Dostoievski, nós somos todos culpados de tudo e de todos diante de todos, e eu mais que os outros. Em outras palavras, se tentamos limitar a nossa responsabilidade, reduzimos o nosso ‘eu’ pessoal, ou seja, deixamos de ser nós-mesmos e assim, obrigamos o outro a ser alguém

⁶ Manifestação, desvelamento.

que também não é. O ‘visage’ do outro que encontramos nos ajuda a constituir e construir a nossa identidade que vai acompanhada da nossa responsabilidade.

No entanto, é bom e importante reconhecer que o ‘visage’ do outro atrapalha e incomoda o nosso ser, pois, ele nos obriga a adotar certas disposições diante dele. na sua busca de resposta, o outro nos chama a servi-lo: o ‘visage’ é um convite perpétuo ao serviço, mas é um serviço que não nos deixa escolha. A única escolha que temos é servir o outro ou então acabamos por matá-lo. Nessa relação com o outro, pode acontecer que entra um terceiro⁷. Esse, através da voz do outro que clama, protesta contra a injustiça feita ao outro. Esse terceiro, que pode ser até o meu espelho, “*observa-me nos olhos de outrem [...] A epifania do rosto como rosto abre a humanidade. O rosto na sua nudez de rosto apresenta-me a penúria do pobre e do estrangeiro*” (LÉVINAS. 1994, p.190). Esse terceiro que entra nessa relação vem nos lembrar que acolher o ‘visage’ do outro é viver a justiça. Não se trata de uma simples caridade. A justiça se estabelece como uma tarefa profética assumida na responsabilidade pelo outro. Ela se revela então como necessidade e convite a sair de si para acolher o outro “*em nome da responsabilidade por outrem, da misericórdia, da bondade às quais apela o rosto do outro homem que todo discurso da justiça se põe em movimento, sejam quais forem as limitações e os rigores da dura lex que ele terá trazido à infinita benevolência para com outrem*” (LÉVINAS. 1994, p.294). Responsabilidade que permite que construirmos discursos de verdadeira comunicação e buscarmos o outro em qualquer plataforma comunicacional.

Em último, podemos afirmar com Lévinas que o ser humano se descobre como pessoa na medida em que ele se abre para a dimensão da alteridade. Acolher a interpretação do outro que, muitas vezes, se apresenta como estrangeiro, pobre, viúva, órfão, é viver e buscar construir um processo de humanização e de abertura ao mistério

⁷ Aqui, entendemos o terceiro em dois sentido: pode ser um terceiro que é o ser humano que presente, auxilia na constituição dessa relação. Como pode ser o terceiro , instrumento, que no caso do ambiente digital permite que encontro o outro: exemplo aqui dio Smartphone, de um Computador ou de um Tablet.

do Infinito. Isso nos faz pensar a comunicação como meio de encontrar o outro independentemente do ambiente.

A Alteridade no Ambiente Digital:

Como comunicar no ambiente digital sendo quem somos e respeitando o outro que está do outro lado, como considerá-lo e como vê-lo do modo que precisa ser visto e considerado. Para Luís Mauro Sá Martino, *“as mídias digitais puseram o ser humano [...] diante da visão da totalidade do outro, isto é, de si mesmo [...] na pretensão de se encontrar uma raiz, um fundamento, para se entender o outro”* (1981, p.2). Para Lévinas, o outro se apresenta como uma constante ameaça diante da qual a primeira reação é o incômodo. A presença do outro, o seu ‘visage’ criam em nós como uma vontade de dizer cala-te, desaparece, você não existe. Mas, diante da alteridade, não podemos negar a existência do outro: somos chamados a reconhecê-lo e aceitar a sua presença que coloca por água abaixo a nossa segurança.

A primeira coisa que a alteridade causa em nós é aquilo que Martino chamou de ‘o discurso de si’ que não é o fato de falar de si, mas sobretudo a capacidade de se construir. Construção que permite o encontro com o outro sem perigo de assimilação. Preciso me encontrar comigo mesmo e depois ir ao encontro do outro para poder estabelecer uma certa relação. Esse fundamento, se é verdadeiro no ambiente físico, se torna essencial no ambiente digital, pois estamos num meio onde tudo se constrói a partir do relacionamento e a disposição de aceitar encontrar o outro. O discurso de si proporciona a ‘enunciação do outro’, que *“representa a alteridade [...] como identidade e diferença a partir do momento em que se define um “eu”* (MARTINO. 1981, p.4). Quando eu consigo enunciar o meu eu, imediatamente, tenho capacidade de enunciar o outro: a alteridade está entrelaçada no discurso, numa boa comunicação.

Diante da grande pergunta de “quem é o outro?”, Martino (1981, p.4) vai responder dizendo que esta encontra suas condições de resposta geralmente atreladas às respostas ao problema do “quem sou eu?” No entanto, essas condições não dependem de uma racionalidade discursiva implícita ou explícita, mas à trama de relações de poder

na qual se inserem o enunciador, o ato enunciativo é aquele que é enunciado no discurso do outro.

Eu só sei quem é o outro a partir do momento que consigo definir quem sou eu. No ambiente digital, esse princípio se aplica de maneira muito clara. o outro que está do outro lado do instrumento técnico que uso para comunicar com ele pode até ser um desconhecido para mim, mas ele me ajuda a entender quem sou eu quando eu percebo que para ele, que está do outro lado, eu represento também um desconhecido. Nesse momento, a nossa comunicação acontecerá verdadeiramente a partir do momento que cada um de nós entende que está conversando com uma outra alteridade: é aqui que entra a alteridade no ambiente digital. Quando essas condições são reunidas, podemos ter o surgimento de sentimentos reais no ambiente digital, alguém pode namorar e seu namoro dar certo nas Redes sociais, eu posso conversar com familiares que estão do outro lado do mundo e ter os sentimentos que tinha quando os nossos contatos eram físicos.

As Redes digitais, dispõem de uma velocidade nas relações virtuais que ultrapassa a intensidade de propagação das relações no ambiente físico. Elas “*tendem a crescer no fortalecimento dos laços já existentes*” (MARTINO. 1981. p.4) onde a velocidade das relações vai propiciar uma rápida atribuição de sentido ao outro, apropriado na rapidez da atualização dos perfis dos aplicativos ou da troca de mensagens. Sem conhecer o outro parece ser ainda mais complexo conviver com ele.

Outro elemento que precisa ser enfrentado é responder a pergunta ‘quem é o outro no ambiente digital?’ Ou, para melhor explicitar: a quantidade de informações disponíveis sobre qualquer pessoa permite reconstituir quem ela é? Papacharissi (2010) ou Sibilia (2008) afirmam que a exposição de si não significa compreensão do outro. A pergunta fundamental a ser respondida aqui é então saber “quem é o outro na mídia? Onde está o outro e como encontrá-lo na mídia digital? Se como pensa Santaella, “*estamos rodeados de sistemas complexos por todos os lados. A maioria das coisas que presumimos são sistemas complexos adaptativos que se explicam por meio de seus parâmetros, e o primeiro deles é o da auto-organização*” (SANTAELLA, Lucia. LEMOS,

Renata. 2010, p.21), como a estrutura das redes sociais e a sua auto-organização podem ajudar a encontrar o outro nesse ambiente? Podem ajudar na realização da alteridade? No ambiente digital, existe uma espécie de transparência da alteridade. O outro, muitas vezes, é tratado como um dispositivo, um simples perfil ou um código (dependentemente de quem esteja se relacionando com ele) onde ele se torna uma operação. Nesse momento, que podemos chamar de momento um da relação, a aproximação com o outro se assemelha a uma manutenção ou formação de laços no espaço digital. Ele não é percebido como alteridade que interpela mas sim como mais um perfil, uma relação ou conquista. No entanto, nesse ponto, a quantidade de informações que consigo obter do outro é que vai determinar como continuaremos essa relação: é uma relação de interesse. O inconveniente será parar nesse ponto e não dar o passo seguinte para chegar no segundo momento da relação: a abertura.

O segundo momento da relação é a abertura para um conhecimento mútuo que dá espaço a alteridade. Esse ponto é muito interessante pois, já tivemos a oportunidade de conhecer o outro antes. É o exemplo das relações que se estabelecem entre membros de uma mesma família que moram em continente ou países distantes e necessitam das Redes sociais online para conversar. Caso dos imigrantes africanos que residem no Brasil por exemplo e que dependem do Whatsapp, Facebook, Skype ou Instagram para encontrar os seus familiares que ficaram na África. Aqui, não há mais necessidade de se conhecer, não há mistérios a princípio, tudo está visível. No caso de um perfil por exemplo, se aplica também, tudo está visível no perfil do outro exceto aquilo que se esconde: o outro é conhecido.

O ambiente digital que proporciona a interligação entre as pessoas, permite também que compreendemos outras culturas e visões de mundo diferentes. As atitudes que se fazem fundamentais para isso ocorrer são a abertura e o des-condicionamento; aquilo que chamaremos respectivamente de inculturação e aculturação. Sendo o primeiro conceito a capacidade de entrar e aceitar aquilo que o outro tem a oferecer e o segundo a capacidade de se desprender daquilo que se tem para acolher aquilo que o outro está oferecendo. isso se aplica sobretudo quando desejamos conhecer o outro.

Assim, vemos que no ambiente digital, a alteridade é um ato de responsabilidade pois, nos desfaz da sociedade, da natureza e de tudo aquilo que está fora deste ambiente e que muitas vezes parece exercer dominação e controle do sujeito acabando por padronizar as nossas ações. No ambiente digital, o sujeito é dono de si e, como tal, pode impor-se aos outros, mas é justamente aqui que surge a diferença desse sujeito ser capaz de se auto-controlar e ao contrário de estabelecer uma relação conflituosa de poder, conseguir estabelecer uma relação de iguais onde cada um tem a sua participação.

Na era moderna, na qual vivemos, o convívio humano é marcado pelo individualismo, a era da maioria da razão que estabeleceu a superioridade do indivíduo sobre qualquer exterioridade. Com o avanço das tecnologias de comunicação e suas diferentes técnicas, esse individualismo tenta a crescer mais ainda e ampliar a capacidade do domínio do ser humano sobre a sociedade, sobre o outro e a negação do outro e de toda e qualquer exterioridade. Mas, a alteridade sendo a inclusão do outro, é a grande determinante e diremos “pedra angular” para a construção de um futuro novo onde todo ser humano é considerado como ser e não como meio para alcançar certos objetivos e isso se aplica ainda melhor no ambiente digital que muitas vezes é o lugar de exploração do outro através de produtos como informação ou peças publicitárias. A alteridade no ambiente digital enquanto categoria deve contribuir como elemento basilar de uma ética ambiental digital em construção, ética que não será apenas uma moral ou normas a serem seguidas no meio digital, mas que leva em consideração as relações mais íntimas do ser-no-mundo que somos.

Considerações Finais

A nossa caminhada, até aqui, foi orientada por uma pergunta central: Quais aproximações com o conceito de alteridade proposto pelo filósofo Lévinas, são possíveis de serem estabelecidas na comunicação no ambiente digital? Assim, tentamos descobrir se é possível relacionar a questão da ‘Alteridade’ com a comunicação no ambiente digital, considerando a alteridade a partir do pensamento de Lévinas. Aquilo que

desejamos saber a partir dessa pergunta de maneira prática é: Quem é outro o outro no meio digital? Onde ele está nesse mesmo ambiente? Como me relaciono com o ‘visage’ do outro que está presente no digital e que, mesmo sem ser visto, não deixa de me interpelar? A busca de resposta a esses questionamentos nos levou a dividir o nosso trabalho em três partes.

Num primeiro momento, definimos o que é o ambiente digital, como ele funciona e como as pessoas, presentes neste ambiente se relacionam com as outras que não vêm e às vezes não conhecem fisicamente. Nesta parte, descobrimos que, para se falar de ambiente digital, três elementos são essenciais: a flexibilidade, a dinâmica e o caráter relacional que é o elemento fundamental, pois, é dele que vem o funcionamento e o estabelecimento das relações entre os participantes do meio. Ainda, vemos que o ambiente digital permite estabelecimento de relações nos espaços virtuais e não tem conflito entre ambiente virtual e físico pois, os dois são reais. Nós relacionamos os conceitos: ambiente digital, mídias digitais, redes sociais digitais, redes sociais conectadas. Enfim definimos o ambiente como elemento que permite estabelecer um tipo de relações entre seres humanos pautadas pela flexibilidade de sua estrutura e pela dinâmica entre seus participantes.

Em segundo lugar, pensamos que seria interessante entender como Lévinas define a ‘alteridade’ e como ele a qualifica na sua filosofia. Com isso, buscamos trabalhar a alteridade como perspectiva do humano. Discorreremos sobre o conceito de alteridade, que Lévinas apresenta primordialmente na sua obra mestra: *Totalidade e infinito* e conseguimos entender que, para Lévinas, a alteridade implica uma proximidade com o outro que nos faz sair de nós. O outro nos interpela e nos convida a considerá-lo como diferente de nós. Ele não pode ser um meio, mas faz conosco acontecer a comunicação. O outro, não importando o ambiente onde se encontra, sempre nos convida a vê-lo como outro que precisa com isso ser considerado e reconhecido e não instrumentalizado ou explorado. A comunicação para ser realidade necessita da aplicação da alteridade para a sua consecução.

E se A alteridade no ambiente digital enquanto categoria deve contribuir como elemento basilar de uma ética ambiental digital em construção. Ética que não será apenas uma moral ou normas a serem seguidas no meio digital, mas que leva em consideração as relações mais íntimas do ser-no-mundo que somos. Essa constatação é que conduziu a terceira e última parte do nosso trabalho onde buscamos organizar a reflexão ao redor de questões presentes no pensamento de Lévinas e que tocam de forma direta a comunicação no ambiente digital. Assim, qual a relação entre ética e comunicação no ambiente digital.

Chegando a este ponto, percebemos que não tivemos resposta final, e por isso somos feliz pois, isso mostra que a questão necessita ser mais examinada para chegar a um certo consenso. Mas, uma das coisas que podemos guardar é que: a primeira coisa que a alteridade causa em nós é aquilo que Martino chamou de ‘o discurso de si’. Precisamos nos conhecer quando vamos no ambiente digital ou em qualquer outro ambiente onde somos suscetíveis de encontrar pessoas. É necessário se conhecer pois, ‘o discurso de si’ proporciona aquilo que chamamos da ‘revelação do outro’ que só é possível de representar a alteridade como identidade e diferença a partir do momento em que se define um ‘eu’. Em outras palavras e de modo mais simples, eu só consigo reconhecer e falar com o outro na medida em que eu me conheço, só consigo respeitar e enxergar o outro se eu sei quem eu sou. A alteridade se inicia dentro de nós como a comunicação. Enquanto nós não somos capazes de nos conhecermos, nunca poderemos reconhecer o ‘visage’ do outro que nunca vai cessar de nos interpelar, e isso se aplica em qualquer ambiente, sobretudo no ambiente digital, pois, aqui o perigo é maior.

Disso, surgiram outras dúvidas e preocupações que nos levarão a pensar em um experimento do nosso trabalho. Assim, pretendemos continuar a pesquisa no campo empírico-prático, aplicando algumas resoluções que tivemos aqui e assim verificar se podemos na prática ter alteridade no ambiente digital.

Bibliografia:

CHARLIER, Cathérine. Lévinas; a utopia do humano. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

CIRO, Marcondes Filho. Até que ponto, de fato, nos comunicamos?. São Paulo: Paulus, 2010.

CIRO, Marcondes Filho (org). Dicionário da Comunicação. 2ª edição. São Paulo: Paulus, 2009.

HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica, In. Ensaios e conferências. Trad. Emmanuel carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. 7ª ed.. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

LÉVINAS. Emmanuel. De Deus que vem à ideia. Petrópolis: Vozes, 2002a.

LÉVINAS. Emmanuel. Totalité et infini. France: Kluwer Academic, 194.

LÉVINAS, Emmanuel. Ética e infinito. Lisboa: Edições 70, 2000a.

MARTINO, Luís Mauro Sá. A potência da alteridade nas mídias digitais: uma perspectiva de identidade e diferença. Revista do programa de pós-graduação em Comunicação. Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF. 1981-4070.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes, redes. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MELO, Nélvio Vieira de. A ética da alteridade em Emmanuel Lévinas. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

SANTAELLA, Lucia. RENATA, Lemos. Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter. São Paulo: Paulus, 2010.

SPADARO, Antonio. ciberteologia: pensar o cristianismo nos tempos da rede. São Paulo: Paulinas, 2012.